

Ensaio sobre o futuro dos animais

por Allan Kardec



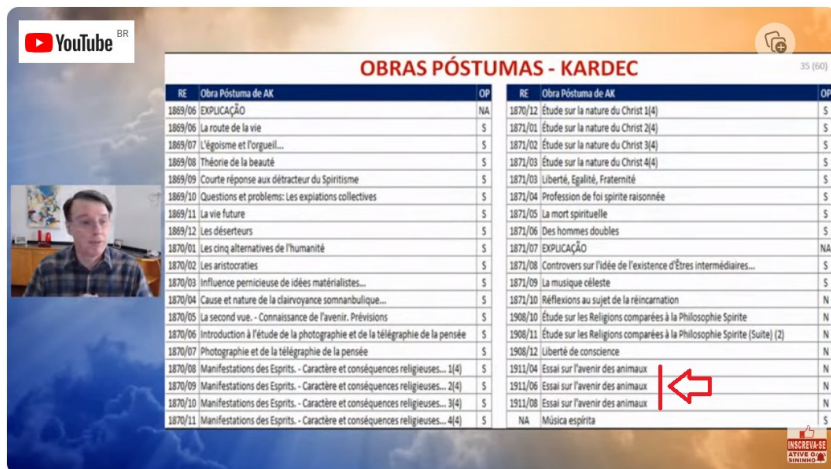
Paulo Neto (Org)

Capa:

<https://exame.com/wp-content/uploads/2017/03/thinkstockphotos-619961796-e1490957332267.jpg>

O material que será apresentado tem como base a pesquisa de Carlos Seth Bastos, que o descobriu e nos forneceu a fonte.

É o administrador da página no Facebook CSI:
Imagens e registros históricos do Espiritismo
(<https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo>).



OBRAS PÓSTUMAS - KARDEC 35 (60)

RE	Obras Póstumas de AK	QP	RE	Obras Póstumas de AK	QP
1869/06	EXPLICAÇÃO	NA	1870/12	Étude sur la nature du Christ 1(4)	S
1869/06	La route de la vie	S	1872/01	Étude sur la nature du Christ 2(4)	S
1869/07	L'Égoïsme et l'orgueil...	S	1872/02	Étude sur la nature du Christ 3(4)	S
1869/08	Théorie de la beauté	S	1872/03	Étude sur la nature du Christ 4(4)	S
1869/09	Courte réponse aux détracteurs du Spiritisme	S	1872/03	Liberté, Égalité, Fraternité	S
1869/10	Questions et problèmes: Les expiations collectives	S	1872/04	Profession de foi spiritiste raisonnée	S
1869/11	La vie future	S	1872/05	La mort spirituelle	S
1869/12	Les déserteurs	S	1872/06	Des hommes doubles	S
1870/01	Les cinq alternatives de l'humanité	S	1872/07	EXPLICAÇÃO	NA
1870/02	Les aristocrates	S	1872/08	Controverses sur l'idée de l'existence d'êtres intermédiaires...	S
1870/03	Influence pernicieuse de idées matérialistes...	S	1872/09	La musique céleste	S
1870/04	Cause et nature de la clairvoyance somnambulique...	S	1872/10	Réflexions au sujet de la réincarnation	N
1870/05	La seconde vue. - Connaissance de l'avenir. Prévisions	S	1908/10	Étude sur les Religions comparées à la Philosophie Spiritiste	N
1870/06	Introduction à l'étude de la photographie et de la télégraphie de la pensée	S	1908/11	Étude sur les Religions comparées à la Philosophie Spiritiste (suite) (2)	N
1870/07	Photographie et de la télégraphie de la pensée	S	1908/12	Liberté de conscience	N
1870/08	Manifestations des Esprits. - Caractère et conséquences religieuses... 1(4)	S	1911/04	Essai sur l'avenir des animaux	N
1870/09	Manifestations des Esprits. - Caractère et conséquences religieuses... 2(4)	S	1912/06	Essai sur l'avenir des animaux	N
1870/10	Manifestations des Esprits. - Caractère et conséquences religieuses... 3(4)	S	1912/08	Essai sur l'avenir des animaux	N
1870/11	Manifestations des Esprits. - Caractère et conséquences religieuses... 4(4)	S	NA	Musica espírita	S

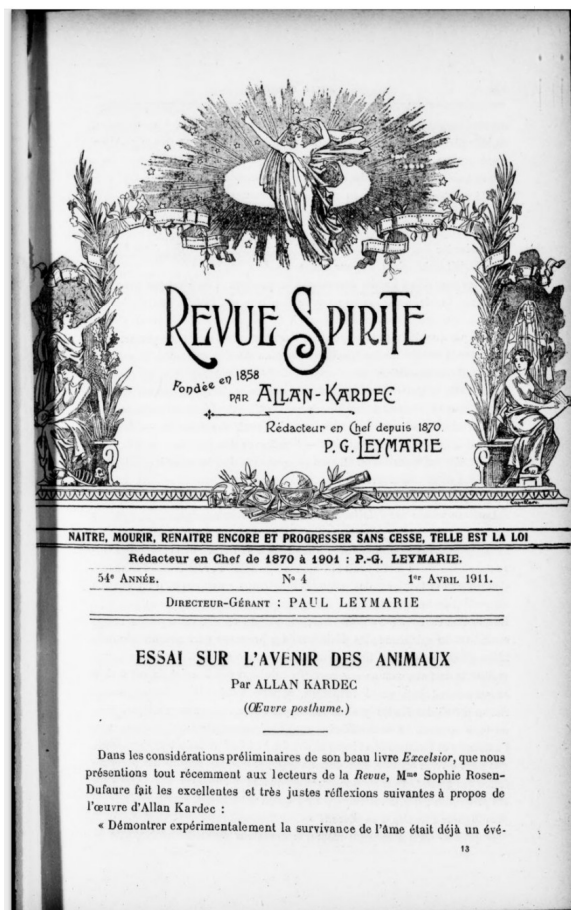
Investigação: O caso A Gênese com Carlos Seth Bastos (2 parte) | 17.08.2021

Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=nFm_XTT29HI&t=278s

A tradução foi feita pelo amigo **Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira**, a quem agradecemos.

Colocaremos o texto em português e após o em francês conforme transcrito da fonte:



Índice

INTRODUÇÃO.....	4
FUTURO DOS ANIMAIS.....	8
TRANSIÇÃO DA ANIMALIDADE PARA A HUMANIDADE.....	31
TEXTO EM FRANCÊS.....	44
APÊNDICE: INFORMAÇÃO DE ANDRÉ BOURGÈS.....	86

INTRODUÇÃO

ENSAIO SOBRE O FUTURO DOS ANIMAIS

Por ALLAN KARDEC
(Publicação póstuma)

Nas considerações preliminares de seu belo livro *Excelsior*, que muito recentemente apresentamos aos leitores da *Revue*, Mme Sophie Rosen-Dufaure faz as seguintes reflexões excelentes e muito corretas sobre a obra de Allan Kardec:

“Demonstrar experimentalmente a sobrevivência da alma já foi um evento imenso; era necessário dar aos adeptos tempo para respirar antes de lhes revelar todos os mistérios da filosofia que daí decorriam. Allan Kardec não se atreveu a falar sobre certas coisas, julgando que ainda não havia chegado a hora. Então ele deixou o advento da

vida animal no reinado hominal no escuro, embora enquanto acariciava um belo angorá, muito inteligente, que estava montado em seus joelhos, ele disse a sua esposa e a Sra. Fropo seu amigo que me contou o fato: 'Minet é um candidato à Humanidade.' Então Allan Kardec conhecia a linhagem ascensional dos seres?... Quase não falamos sobre isso então, e por boas razões..."

Certamente que sim, Allan Kardec conhecia a questão e não é com uma mente tão lúcida, tão lógica quanto a dele que seu interesse poderia escapar. Se, em seus livros fundamentais, ele não o abordou de frente, não deixou de preocupá-lo profundamente, como podemos ver pela leitura de manuscritos, documentos e notas, que nosso diretor gentilmente aceitou, confie-nos.

Desde 1865, o Mestre já estava ocupado coletando materiais para uma obra a que inicialmente havia dado apenas o título de *Livro dos Animais*.

A obra teria oito capítulos: I. Futuro dos animais. - II. Transição da animalidade para a

humanidade. III. Sofrimento de animais. - 4. Destruição de animais. - V. Fases progressivas da humanidade. - VI. Perfectibilidade da raça negra. - VII. Frenologia espiritualista. - VIII. Exemplos de sagacidade e sentimento em animais.

Em artigo sobre *Alucinação em Alienígenas nos Sintomas da Raiva*, publicado na *Revue Spirite* de setembro de 1865, Allan Kardec quase fez a impressão do estudo que estava realizando, nas seguintes linhas: “Adiou a solução relativa aos animais. Essa questão toca em preconceitos há muito arraigados e que seria imprudente colidir frontalmente, razão pela qual os Espíritos não o fizeram. A questão está envolvida hoje; é agitado em diversos pontos, mesmo fora do espiritualismo; os desencarnados participam dela, cada um de acordo com suas ideias pessoais; essas várias teorias são discutidas, examinadas; uma infinidade de fatos, como, por exemplo, aquele que é objeto deste artigo e que teria passado despercebido no passado, chamam a atenção hoje, em razão dos estudos preliminares que foram feitos; sem adotar esta ou aquela opinião, familiariza-se com a ideia de um

ponto de contato entre o animal e a humanidade, e quando a solução final vier, em qualquer sentido que possa tomar, deve ser baseada em argumentos peremptórios que irão partir sem espaço para dúvidas; se a ideia for verdadeira, terá sido sentida; se for falso, significa que teremos encontrado algo mais lógico para colocar em seu lugar...”

Pelo que ele mesmo escreveu, o fundador da doutrina espiritualista propôs, para seu novo estudo, revisar os fatos conhecidos da inteligência dos animais com aqueles expostos nas obras de Frédéric Cuvier sobre inteligência e instinto dos animais e também em *O espírito das bestas* de Toussenel. Então ele estabeleceria seu sistema e finalmente receberia instruções dos Espíritos.

Publicaremos aqui os três primeiros capítulos completos e extrairemos dos documentos que se seguem e cuidadosamente classificados tudo o que acharmos mais interessante sobre o assunto em questão.

ALGOL.

FUTURO DOS ANIMAIS

I

A questão da **relação entre os animais e o homem** é ao mesmo tempo científica, moral e religiosa; é de capital importância do ponto de vista filosófico, e cheio de resultados, e se ainda não foi resolvido é porque o estado de conhecimento não permitiu, até agora, considerá-lo por todos os lados. Como todas as grandes leis da natureza, ela **foi vislumbrada e suspeitada por algumas mentes da elite**, mas sua solução incompleta permaneceu no estado de opinião individual, de sistemas considerados mais utópicos do que reais. Além disso, **é da essência de todas as grandes verdades não serem aceitas e popularizadas até que as mentes das massas estejam maduras para compreendê-las**; venham prematuramente, elas são rejeitadas e abortam. Tudo deve vir no seu devido tempo, e a Providência, sempre sábia em suas obras, espalha a semente intelectual quando

pode dar frutos.

O momento oportuno para o desabrochar de uma nova ideia geralmente se manifesta por uma certa efervescência na mente das pessoas; sentimos a insuficiência do que existe e o vazio produzido pela ausência de algo melhor; a nova ideia torna-se então objeto de preocupações e parece surgir de todos os lados. É uma indicação segura da maturidade das mentes aceitá-lo; esse tipo de boato mental é um sintoma do próximo surto.

A questão dos animais é neste caso; um interesse particular está hoje nesses auxiliares passivos, nessas vítimas de sua devoção e nos perguntamos de onde vêm, para onde vão e que compensação a justiça de Deus reserva para seus sofrimentos. Estas simples questões levam-nos muito longe, porque, passo a passo, vão levantando outras que, semelhantes ao veio de uma mina da qual se continua a pesquisa, nos fazem penetrar nas entranhas da terra. Este é um motivo para abandoná-los? Claro que não; a verdade só assusta quem tem interesse em escondê-la, mas chega um momento em que é preciso se acostumar a olhar

para ela cara a cara. Portanto, aqueles que têm medo do abismo no fim do caminho cubram os olhos e parem na beira, mas não impeçam aqueles que não o temem de lá descenderem; se ninguém entrou, não saberíamos o que contém. Se não fossemos para o fundo da água, não encontraríamos as pérolas.

Então, é a verdade absoluta que surgirá daí? Muito presunçoso seria aquele que pretendesse possuir a verdade absoluta, numa época especialmente em que cada dia traz seu contingente para o progresso. Se for um erro, ele cairá; se for verdade, sobreviverá. Pode ser apenas um esboço da verdade; em qualquer caso, será um tema de meditação para pessoas sérias, uma porta aberta para novas explorações.

II

Incontestavelmente que **há nos animais e também no homem**, um elemento material que é o corpo, e **um elemento espiritual que é o princípio inteligente**, qualquer que seja o nome que se dê a ele. Esses dois elementos constituem o ser e são integrais um com o outro; que um dos dois

é apagado, e o ser terrestre vivo não existe mais. Ora, a ciência, tendo até agora considerado apenas o elemento material, só poderia chegar a uma solução incompleta; ela se deparou com dificuldades intransponíveis por falta da chave que sozinha poderia levantá-las. O materialismo, que não apenas desconsidera o elemento espiritual, mas o nega, está necessariamente ainda mais longe da solução; assemelha-se a um mecânico que descreve um mecanismo, sem levar em conta a força motriz que o faz agir.

Por outro lado, os preconceitos humanos e, sobretudo, o absolutismo e a imutabilidade das crenças religiosas, impedem as investigações radicais a respeito do elemento espiritual. Mas chega um momento em que a necessidade de saber a verdade supera todas as outras considerações e por mais dura que possa parecer à primeira vista, qualquer perturbação que isso traga para nossos gostos, nossos hábitos e as ideias que nosso amor-próprio acariciou deve ser aceito quando se mostrar em plena luz do dia, exceto para admitir que se enganou. Aos poucos nos acostumamos e passamos

a reconhecer que o verdadeiro satisfaz a razão ainda melhor do que o falso; nós nos damos tanto bem com ele que não podemos viver sem ele.

Assim foi com a doutrina da pluralidade das existências que, desde o início, amedrontou algumas consciências tímidas, ou ofendeu certos preconceitos, e que hoje se considera o mais realista, o mais justo e o mais consolador, porque preenche o imenso vazio deixado na alma pela maioria das crenças. **Assim será com a questão dos animais;** não escondemos de nós mesmos os preconceitos que enfrentará, a oposição que suscitará, mas **também sabemos que encontrará um número imenso de mentes todas prontas para aceitá-lo,** porque já o perceberam. Só nos aproximamos porque sabemos que o terreno está preparado; no futuro, é reservado para confirmá-lo, contradizê-lo ou complementá-lo.

III

Tudo está interligado na natureza, como apontamos em conexão com a teoria dos fluidos. No passado, os três reinos eram considerados

totalmente independentes um do outro e qualquer um teria rido de quem afirmava encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. A observação cuidadosa removeu a solução da continuidade e **provou que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta, de modo que os três reinos na realidade só existem para as características gerais mais marcantes**; mas em seus respectivos limites eles se fundem a tal ponto que se hesita em saber onde termina um e começa o outro, e onde certos seres devem ser colocados.

A semelhança é ainda mais notável quando entramos nos **detalhes do organismo**. Seguindo os elos da cadeia de seres do mais baixo ao mais alto, reconhecemos um tipo primitivo que varia apenas pela maior ou menor perfeição e desenvolvimento da forma. As funções são iguais para todos; **as plantas, como os animais, nascem, crescem e se reproduzem**; todos vivem, respiram, se alimentam e morrem de doenças ou velhice; **em todos encontramos órgãos semelhantes atribuídos às mesmas funções**, quer no estado perfeito, quer no

estado rudimentar, adequados, quanto à forma, à força e à extensão do meio ambiente onde o ser é chamado a viver, e da natureza de sua comida.

Se um órgão estiver aparentemente ausente, ele será substituído por um órgão correspondente destinado às mesmas funções; é assim, por exemplo, que em um pássaro que deve voar mais do que andar, as asas substituem os membros anteriores; que nos peixes que não devem andar nem voar, as barbatanas substituem, para locomoção, as pernas e as asas; que a amamentação dos mamíferos é substituída, nas ovíparas, por substâncias contidas no ovo e que servem de alimento aos filhotes até a eclosão. No vegetal, a semente é o análogo do ovo e o suco leitoso da amêndoa a torna o repasto para a nutrição do embrião; as folhas são os órgãos respiratórios ou, se preferir, os pulmões da planta; a reprodução ocorre por processos idênticos aos dos animais.

Mas sabe-se tudo, desde os vertebrados, que o organismo das funções vitais, mais confuso nas espécies inferiores, toma forma melhor e adquire formas mais acentuadas.

O homem não é exceção a esta regra de unidade. Seu organismo é tão idêntico ao dos animais mais próximos a ele, que estudos anatômicos e fisiológicos são frequentemente realizados nos corpos desses mesmos animais. Portanto, é com razão perfeita que **o homem, do ponto de vista corporal, foi incluído no reino animal**. Há mesmo entre ele e certos animais, em relação às formas e hábitos externos, uma tal reaproximação que são designados sob o nome de *homens da floresta* e que parecem ser o elo entre o animal e a humanidade corporal. Assim, **no plano físico, é estritamente verdade que da planta ao homem não há solução de continuidade**. Este é um ponto fora de discussão hoje. É o mesmo em termos intelectuais e morais? É isso que vamos examinar.

Por muito tempo, olhamos os animais como seres puramente instintivos, como máquinas animadas. Estamos agora voltando dessa prevenção e há uma tendência clara de reabilitá-los na opinião pública. De fato, pudemos observar em alguns atos espontâneos, combinados e refletidos, realizados em

vista de circunstâncias fortuitas. O instinto puro e simples empurra para atos impensados que são constantemente uniformes; mas quando o ato é provocado por uma causa inesperada, calculada, modificada com vistas a um determinado resultado; quando há acordo entre dois seres para dar apoio mútuo um ao outro, é mais do que instinto. **O instinto é indubitavelmente dominante nos animais, mas em certos casos está obviamente ligado, pelo menos, à inteligência rudimentar.**

O instinto é a força irresistível que leva alguém a fazer algo sem um desígnio premeditado; tal é aquela que se vê no filho recém-nascido para buscar o seio da mãe; é dado especialmente aos seres vivos com vistas à sua conservação; o ato inteligente é regulado pela vontade. O instinto é uma previsão da natureza que, por esse meio, compensa a falta de inteligência dos seres inferiores; é também com este último que o instinto domina; à medida que a inteligência aumenta, o instinto diminui.

Sem ainda estabelecer um paralelo entre a inteligência do homem e a do animal, por uma questão de conveniência, **chamemos**

temporariamente o princípio inteligente da última alma; veremos mais tarde se devemos considerá-lo distinto.

Da ostra ao cão, a distância é grande em matéria de inteligência; mas entre esses dois pontos extremos, que tipos e níveis intermediários, onde a inteligência se mostra gradualmente mais desenvolvida! **Há, portanto, na animalidade, uma escala intelectual progressiva; e deve-se notar que o desenvolvimento da inteligência segue o desenvolvimento orgânico.**

Aqui surge uma questão séria. Cada espécie animal tem seu caráter individual permanente, o que implicaria para cada uma determinada e invariável dose de inteligência; ou então, segundo a opinião de alguns, cada espécie se transforma na espécie imediatamente superior e, assim, passo a passo do último grau ao primeiro, o que implicaria uma marcha ascendente progressiva? Essas duas hipóteses têm sua origem na confusão que se estabelece entre o princípio material e o princípio inteligente, não sendo este último considerado independente da matéria.

Corporalmente falando, cada espécie está sujeita a leis orgânicas que a tornam sempre a mesma; a ostra é tão perfeita em sua espécie quanto o pássaro na dele. Seria um erro tão grave acreditar que a ostra se transforma em peixe, o peixe em pássaro, quanto admitir que o espinheiro se transforma em pereira, ou que o macaco se torna homem; claro que não; a ostra será sempre uma ostra e o peixe sempre um peixe, como a amoreira será sempre amora, e o macaco sempre será um macaco. **Porém o princípio inteligente rudimentar que anima a ostra, depois de ter se desenvolvido suficientemente neste animal, talvez por vários séculos, não pode animar o peixe, depois o inseto, depois o pássaro, depois o mamífero?** Ele não faz nada além de mudar sua morada à medida que avança, coloca um invólucro corporal provido de órgãos apropriados para suas novas necessidades, para suas novas faculdades, para o novo trabalho que ele tem que realizar. A alma de uma ostra pode, portanto, a longo prazo, tornar-se a alma de um cão, como a alma de um selvagem pode tornar-se a de um europeu civilizado; mas a **alma de um homem civilizado**

não pode voltar a ser a de um selvagem, nem a alma de um cão tornar-se a de uma ostra, porque o espírito não retrograda.

Se admitirmos, para os animais, como alguns afirmam que é para os humanos, que tudo começa e termina com a vida, nos deparamos com uma série de problemas não resolvidos. Se, ao contrário, admitirmos a independência do princípio inteligente, com uma sucessão de existências progressivas, toda dificuldade desaparece. **A alma animal progride?** Aí está a questão. A abelha, diz-se, constrói sua colmeia, o pássaro seu ninho, a aranha sua teia, hoje como no passado, da qual concluímos a negação do progresso; mas isso não prova nada, pois o selvagem, enquanto selvagem, também constrói sua cabana da mesma maneira, o que não o impedirá de construir um palácio mais tarde, quando for civilizado. **Justiça com relação aos animais, como com relação aos homens, só pode ser estabelecida pelo progresso; sem progresso, o ser não encontra compensação por seus sofrimentos**; agora, o progresso só pode ser realizado em existências sucessivas. A abelha é,

portanto, estacionária apenas enquanto for uma abelha. Devemos acreditar que essa uniformidade em seu trabalho é necessária para a elaboração de seu princípio inteligente, até que esteja apto a se tornar outra coisa.

Essa peregrinação da alma animal pelas diferentes espécies de animalidade é absolutamente semelhante à da alma humana pelas diferentes raças da humanidade. Portanto, **é necessário que a alma, seja ela animal ou humana, ascenda aos vários níveis de sua espécie;** em cada grau, ele adquire o que é necessário para o grau seguinte. Ela não poderia saltar sobre eles, porque não teria capacidade suficiente e seria deslocada em um ambiente que não era o seu. Que a alma de um selvagem, por exemplo, seja encarnada sem transição no corpo de um europeu com a mais completa organização cerebral, terá do europeu apenas a forma, mas não será nem menos rude, nem menos feroz ⁽¹⁾. Pela

1 Como alguns argumentos de Allan Kardec, especialmente se tomados fora do contexto do conhecimento científico de sua época como também de seu caráter são, muitas vezes, incompreendidos sugerimos o E-book **Racismo em Kardec?**, disponível em nosso site.

mesma razão, que a alma de uma ostra anima diretamente o corpo de um cachorro, teremos um cachorro tão estúpido quanto uma ostra ou, se você preferir, uma ostra em forma de cachorro.

Tudo, portanto, apoia a opinião fundada na justiça soberana de que **a alma animal progride na animalidade**, caso contrário seria necessário admitir que Deus os fez de todas as categorias e que toda compensação lhes é recusada.

Mas aqui surge a grande questão do futuro dos animais. Se eles estão progredindo, onde seu progresso termina? Se nossas espécies domésticas mais inteligentes servem de limite, o que acontece a seguir? Como essas espécies são as que mais sofrem com o contato com os humanos, então, quando atingirem a meta, seu destino será o mais doloroso? Deus não pode ter feito uma coisa tão injusta; entretanto, a infinita justiça de Deus deve ser sempre nosso ponto de referência quando queremos buscar a explicação do que não entendemos; consideremos sempre como a mais provável a explicação que mais se aproxima dessa justiça, e rejeitemos sem hesitação aquelas que a negam.

A alma dos animais mais avançados da Terra, não pode continuar seu progresso em outros mundos, onde animaria raças de animais mais avançadas que a nossa? Parece racional à primeira vista, mas surge uma dificuldade. O cão é, sem dúvida, o animal que, na Terra, mais se aproxima do homem pela inteligência, e podemos dizê-lo, pelos sentimentos. Agora, o menor acréscimo às suas faculdades o torna igual, e até mesmo aos homens, por qualidades intelectuais e morais. Se **os animais continuam seu progresso paralelo ao homem nos mundos mais avançados**, segue-se que há homens deixados para trás pelos animais no caminho do progresso, e que são menos merecedores, o que acontece então com a supremacia do homem? Então, esses mesmos animais continuando sua marcha ascendente de um mundo a outro, onde eles vão parar? Qual é o seu destino final? Se são de natureza inferior ao homem, não podem ter as mesmas prerrogativas e o mesmo destino. Por que Deus criou duas categorias de seres inteligentes? Achamos irracional a doutrina que atribui a Ele a criação dos anjos como seres privilegiados, enquanto achamos mais conforme a

justiça que os anjos são almas humanas chegadas à perfeição; acharia o homem mais justo que o privilégio esteja a seu favor em relação aos animais que também trabalham e sofrem?

Falaremos apenas para o registro de um sistema que torna o destino das almas dos animais formar o invólucro do perispírito da alma humana. Ali, dizem, estaria a fonte dos instintos e paixões animais e, assim que se purificassem mutuamente, gozariam juntos de uma futura bem-aventurança. O perispírito seria, assim, um ser inteligente servindo de invólucro para um ser inteligente. Por que não torná-lo um ser distinto? Seria mais fácil. Dois seres inteligentes assim ligados, cada um com sua vontade, podem nem sempre concordar. Na verdade, é o que ocorre, dizem, na luta entre os bons e os maus instintos. Mas se esta é a fonte das paixões perversas, elas não são mais inerentes à mente que não pode ser responsável pelo que não pertence a ela. Um casaco de má qualidade pode cobrir um homem excelente. Então, não seria uma vergonha cruel para os dois ficarem presos um ao outro pela eternidade? Poder-se-ia imaginar que dois Espíritos

muito simpáticos encontrariam a felicidade em se unirem para formar, por assim dizer, um só ser, mas não poderia ser o mesmo entre um espírito humano e um espírito animal.

O autor desta solução esquece que o perispírito é um fluido material, um simples agente de transmissão de sensações, mas que por si só não tem vontades nem percepções; que este envelope varia com o grau de purificação do espírito e do ambiente em que se encontra. Se a alma animal for reduzida ao estado de fluido inerte e inconsciente, é aniquilação, a perda de sua individualidade inteligente, e tanto valeria a pena dizer que ela entra no todo universal.

Este sistema pode ser colocado na categoria de opiniões pessoais; duvidamos que encontre muita simpatia entre os encarnados e que tenha a sanção da maioria dos Espíritos por controle universal.

De todos os sistemas concernentes ao futuro dos animais, apenas um até agora concorda com os fatos e resolve todas as dificuldades do assunto de uma maneira

consistente com a justiça de Deus; é aquele que faz da alma animal o embrião da alma humana, e é também aquele que tende a prevalecer tanto na opinião geral quanto no ensino dos Espíritos. Segundo esse sistema, **a alma tem sua origem no princípio de vida dos primeiros seres orgânicos; ela então se desenvolve, passando pelos vários graus de animalidade, até o momento em que está apta a receber a centelha divina que a eleva à dignidade de alma humana.**

Esta nova fase se distingue da anterior pelas seguintes características: fala articulada, **a substituição do instinto pela inteligência**, livre-arbítrio, progresso voluntário e opcional, intuição da divindade e da vida futura, o sentido moral, a consciência do bem e do mal.

Nesse ponto, a alma deixa o corpo animal, doravante insuficiente para as novas faculdades, e assume um invólucro adequado ao trabalho exclusivamente inteligente e livre que deve realizar. O pensamento livre agora dominará; o instinto, como os panos da infância,

tornando-se cada vez menos úteis, enfraquecerá gradualmente. O corpo não precisa mais dos instrumentos destinados ao trabalho puramente mecânico, nem das armas ofensivas e defensivas de que os animais estão equipados; a inteligência, auxiliada pela habilidade manual, deve prover tudo; o próprio homem fabricará suas ferramentas e seus meios de defesa; ele mesmo providenciará para sua segurança, suas roupas e sua alimentação; seu cérebro, mais completo que o dos animais, é dotado de todos os órgãos necessários ao exercício das várias faculdades de que está dotado e à emissão das novas ideias que vai adquirir.

A alma, portanto, subirá a escada da *humanidade*, da selvageria à civilização, **como havia subido na vida animal**. Neste período, como no anterior, ela está sujeita a um corpo material necessário, desde que o trabalho material seja útil para o desenvolvimento de suas faculdades. Mas, pouco a pouco, sua força cresceu; ela se liberta das amarras da matéria e chega um momento em que, completamente livre e forte *por si mesmo*, não precisa mais da encarnação. Em seguida, deixa a

humanidade corporal para entrar no período da *humanidade espiritual*. Mas isso ainda não é a perfeição, pois há avanços dos quais o homem, em sua esfera limitada de atividade, não suspeita mais do que o selvagem suspeita dos da civilização. A alma, portanto, passará por uma nova série de níveis progressivos, até atingir o ponto supremo a que a criatura pode aspirar.

Dessa forma, tudo tem um propósito; nenhum ser para em um beco sem saída, todo trabalho dá seus frutos. **O fim da alma vegetal está no mundo animal; a da animalidade na humanidade corporal**, e a da humanidade corporal na humanidade espiritual. Assim, **uma cadeia ininterrupta é estabelecida entre todos os seres, do mais ínfimo ao anjo**, sem privilégio para ninguém, de acordo com a grande lei de unidade e justiça que governa todas as obras da criação.

A quem perguntar como podemos reconhecer o homem inteligente no animal com instintos brutais, e se não houver um abismo entre eles, perguntaremos se no feto disforme reconhecemos o homem forte e vigoroso, ou o gênio que o fará

revolucionar o mundo? Se em uma falha reconhecermos a enorme árvore que emergirá dela? O abismo só existe entre os pontos extremos, mas se observarmos a sucessão de intermediários, ele desaparece. Filosoficamente, moralmente e equitativamente, **não é mais irracional ver na alma animal o embrião da alma humana do que ver nele um anjo futuro**. Aceitamos de bom grado esta última ideia, porque nos lisonjeia; afastamos o outro porque isso nos humilha. Somos como aqueles ricos que não querem se lembrar que eram pobres. Agora, do anjo ao homem mais avançado, há mais distância do que entre certos homens e certos animais; dizemos mais: entre o homem civilizado e o selvagem, a distância é maior do que entre o selvagem e o macaco.

Sem dúvida, não deixaremos de lutar contra essa teoria em nome da religião; terá isso em comum com as doutrinas astronômicas e geológicas e tantas outras que a religião primeiro rejeitou como heresias e que, não obstante, permanecem verdades hoje reconhecidas e aceitas por todos. Isso ocorre porque a origem da maioria das religiões remonta

aos tempos em que os homens tinham ideias muito imperfeitas sobre as leis da natureza; baseavam-se nos elementos científicos então disponíveis; seus fundadores, geralmente mais zelosos do que eruditos, formularam em artigos de fé princípios que descobertas científicas posteriores demonstraram estar errados. Uma religião que se formaria hoje não poderia admitir que o Sol gira em torno da Terra, nem que esta foi criada em seis vezes vinte e quatro horas.

Seu erro foi apresentar certos princípios como tão imutáveis que não poderiam ser derogados sem heresia; então, sobre esses princípios, ter estabelecido outros, igualmente imutáveis, e que caem com o primeiro, se o erro do último vier a ser demonstrado. Mais tarde, devemos necessariamente escolher entre o dogma e uma verdade que se tornou óbvia.

O lado científico sempre foi o lado fraco das religiões: acreditando sua existência comprometida por descobertas que as contradizem, seu primeiro impulso é rejeitá-las; pois os demônios são considerados os maiores inimigos da religião, e essas

descobertas são consideradas obras satânicas, embora os dogmas não sejam obra de Deus. Agora, como essas descobertas se relacionam com as leis da natureza, quando essas leis são reconhecidas como verdades, segue-se da própria doutrina da Igreja que Satanás é verdadeiro e Deus está errado.

TRANSIÇÃO DA ANIMALIDADE PARA A HUMANIDADE

A teoria que traça a origem da alma humana aos seres inferiores da criação, toma cada dia mais consistência de opinião, e incontestavelmente **tem maioria no ensino dos Espíritos**. Partindo desse princípio, **não há dúvida de que as espécies animais mais avançadas e as raças humanas mais atrasadas devem estar na fronteira**. Mas onde fica o ponto de junção? Qual é o último animal? Quem é aquele em quem ocorre a transformação? Aqui entramos em uma ordem de ideias tão nova que só pode ser abordada com grande cautela. Da observação dos fatos deduzimos consequências, mas essas consequências estão corretas? Isso é o que seria precipitado afirmar prematuramente. **A solução que oferecemos deve, portanto, ser considerada como uma opinião pessoal que abandonamos ao exame e discussão, como um objeto de estudo, e que,**

antes de ser afirmada, necessita da sanção do controle universal. Neste ponto como em todos os outros, não confiaremos no conselho, nem de um homem, nem de um Espírito, nem de um grupo. Se for falso, cairá e facilmente o sacrificaremos em benefício da verdade; se estiver correto no todo ou em parte, terá aberto caminho para novas observações e preparado a solução de um dos problemas mais importantes.

Então, qual é o animal de transição?

Se levarmos em conta apenas a forma exterior e certos hábitos, diremos sem hesitação que é o macaco. Se, pelo contrário, considerarmos a inteligência e certas qualidades morais, diremos que é o cão. Mas se o macaco é o último animal, deve ter sido um cachorro; ora, sendo o cão dotado de qualidades infinitamente superiores às do macaco, seguir-se-ia que ao se tornar macaco ele teria degenerado, o que seria contrário à lei da progressão. Por sua vez, o macaco tem modos e aptidões que o aproximam mais do homem do que do cão; se, portanto, o cão fosse o animal exclusivo de transição, teria sido o macaco, e não se

entenderia isso depois de ter sido quase assimilado ao homem; ele se afastou disso. Seria menos espantoso encontrar as qualidades do cão na forma do macaco; mas o que ainda seria uma pedra de tropeço é que existem homens que, moralmente falando, valem inquestionavelmente menos do que o cão. A alma do cão, ao passar da vida animal para a humanidade, perderia, portanto, algumas de suas qualidades, o que não é racional; iluminado com o raio divino, deveria ser melhor e não pior.

Uma dificuldade ainda maior surge aqui. **Se uma única espécie deve fechar a série animal, todas devem se fundir e se resumir nesta última, sempre do ponto de vista da alma e não do corpo.** No entanto, existem animais com costumes e instintos muito diferentes para admitir que poderiam ter trilhado o mesmo caminho. Na verdade, a ovelha teria de ter se tornado um tigre, ou a ovelha tigre, o que é pouco provável, pois seus instintos são diametralmente opostos, e não encontramos em um reflexo do instinto do outro. Quem quer que tenha sucesso, as qualidades essenciais da alma seriam, portanto, completamente

apagadas, passando de uma para a outra.

Como não há transição abrupta na natureza, entendemos que as qualidades da alma animal se perpetuam por algum tempo na alma humana até o momento em que suas próprias qualidades tenham assumido, mas então, após a transição, a alma humana deve reter os rastros do instinto apenas da última espécie animal, do cão, se este for o rastro da união. Se a alma do tigre fosse absorvida pela das ovelhas, não haveria mais nenhum vestígio da inspiração do tigre na humanidade e *vice-versa*. Porém, é precisamente o contrário que ocorre, pois se encontramos em alguns homens a fidelidade e a devoção do cão, vemos também em outros a ferocidade do tigre, a malícia do macaco, a brandura e a passibilidade das ovelhas.

Um estudo comparativo das falhas por si só pode lançar luz sobre a solução desse problema aparentemente inextricável. É, portanto, pelos fatos que tentaremos resolvê-lo.

Qualquer que seja o custo para nossa autoestima, e por mais difícil que seja o

sacrifício de certos preconceitos, devemos nos acostumar a olhar as coisas de frente, sem parar nas perturbações que podem resultar nas crenças que temos acariciado por muito tempo. O homem nada perde, pois seu destino não é nem mais nem menos glorioso; sua origem é mais modesta, isso é tudo: o principal é que é lógico acima de tudo e não pode ser negado pelo progresso subsequente da ciência.

Um fato característico é que **encontramos nos animais todas as variedades de sentimentos que existem no homem.**

Encontramos aí principalmente tudo o que, neste último, é qualificado como vício ou defeito, e o *germe* da maioria das qualidades que são a contrapartida. É assim que vemos coragem em alguns e covardia em outros; depois, dependendo da espécie, ferocidade e gentileza, humor feroz ou sociabilidade, reconciliação indomável e fácil, raiva e clemência, sensualidade, lubricidade, ambição, gula, sobriedade; o instinto de limpeza ou impureza; delicadeza ou depravação de gosto; o truque, astúcia e perfídia; magnanimidade, generosidade,

sensibilidade e dedicação; reconhecimento e ingratidão; egoísmo e autossacrifício; orgulho e baixeza; a vaidade do adorno e precedência, a humilhação da perda; atividade laboriosa e preguiça; previsão e imprudência; o espírito de associação e subordinação; no cão doméstico, o sentimento de dever; em alguns pássaros, o sentido musical, etc., etc.

A fala articulada é, sem dúvida, privilégio exclusivo do homem, mas podemos negar que os animais têm uma linguagem? Mesmo aqueles que não têm voz, como formigas e abelhas, chamam-se, avisam-se e consultam-se, sem dúvida por sinais.

Essas analogias são tão fortemente sentidas que os animais sempre foram tomados, pelos próprios homens, como emblemas da maioria das falhas e qualidades, a tal ponto que muitas vezes, ao ler uma fábula, nos vemos confundindo um nome próprio próximo ao do animal; que para estigmatizar um indivíduo é comparado ao animal ao qual suas faltas, seus vícios ou seu ridículo o assimilam. Vamos ainda mais longe: damos certos animais como modelos. Se o homem tem todos os defeitos que

encontramos nos animais e não tem todas as suas qualidades, não tem tanto para se valer de sua superioridade.

Ao continuar o estudo dessas conexões, chegamos a descobrir analogias ainda mais notáveis no caráter, e mesmo em certas aptidões intelectuais que são como os rudimentos das faculdades que vemos se desenvolver no homem em proporções maiores, sob o império do livre-arbítrio. Os naturalistas fizeram a *Fisiologia Comparada*, uma ciência admirável que estabelece a conexão entre todos os seres do ponto de vista do organismo; uma ciência não menos instrutiva a ser criada por moralistas seria a das *Faculdades comparativas*; preencheria a lacuna que existe na escala animal.

Que consequências podemos tirar dessa reaproximação? **Se Deus fez da alma humana uma criação distinta e privilegiada, por que deu a ela os mesmos instintos e as mesmas paixões que nos animais?** Se os animais não têm futuro, por que germinam as qualidades que tornam o homem superior? Admitindo que a alma humana é uma criação especial, não podemos negar que em

seu início, especialmente nas raças primitivas, ela difere muito pouco da alma animal, e que nem mesmo é inferior a ela em certos aspectos.

Os filósofos de há muito têm procurado, e ainda procuram, explicar a si próprios a fonte das paixões humanas; empilharam sistemas sobre sistemas, sem chegar a uma solução satisfatória, de acordo sobretudo com a justiça de Deus, ponto importante que quase sempre foi negligenciado. A chave do problema parece-nos estar nas analogias que apontamos. A comparação a seguir tornará isso mais óbvio.

O viajante parte da foz de um rio e sobe o curso para descobrir sua nascente; mas parou em seu caminho, ele não poderia ir até o fim. Outro viajante que saiu da nascente desce o curso do rio para descobrir sua foz, mas também parou, não conseguiu chegar ao fim. Sendo as duas pontas do rio conhecidas acredita-se que sejam dois rios diferentes. Mais tarde, novas explorações encontram o ponto de junção. Pela semelhança das águas, pela uniformidade dos seus cursos, pela configuração do terreno, reconhecemos que se trata de um único e

mesmo rio.

Acontece o mesmo com as paixões; se os observarmos apenas no homem ou nos animais, não encontraremos saída para eles; se, ao contrário, os estudamos ao longo de seu curso e, sobretudo, em seu ponto de contato, notamos uma semelhança de efeitos, o que leva à conclusão de que a causa é semelhante; eles aparecem então como um curso de água que tem sua origem na vida animal e se *perderá* na humanidade. Sublinhamos a palavra *perder*, porque capta perfeitamente o efeito que ocorre, como se verá mais adiante. Se as paixões humanas fossem de natureza essencialmente diferente das paixões animais, se não houvesse analogia entre elas, se nada fosse encontrado no homem que houvesse nos animais e vice-versa, haveria separação óbvia; mas assim que as duas raças se fundem em seu ponto de contato moral e também físico, concluímos logicamente com uma comunidade de origem e uma transmutação de uma na outra, no entanto, entre o negro bruto e o

européu civilizado a diferença é grande. (2) Como reconhecemos que o negro pertence ao humano? Com os vestígios que se encontram nele, no estado de germe, das faculdades e das qualidades morais que existem na baía do desenvolvimento do homem civilizado. É com animalidade e humanidade, como reinados: os personagens mais distintos estão em extremos opostos, mas nas fronteiras que se tocam, as próprias nuances se apagam.

As analogias que apontamos são fatos positivos, dos quais se pode racionalmente tirar a conclusão de que as paixões do homem têm sua origem na animalidade, e que a alma animal, ao passar para a humanidade, carrega consigo os caracteres distintivos da espécie para qual pertenceu por último. A alma humana preserva assim os traços de sua origem até que o progresso moral os faça desaparecer; daí a semelhança moral que existe entre certos homens e certos animais; dessa semelhança, pode-se inferir

2 Novamente, alertamos para o fato de que alguns argumentos de Allan Kardec, especialmente se tomados fora do contexto do conhecimento científico de sua época como também de seu caráter são, muitas vezes, incompreendidos sugerimos nosso E-book **Racismo em Kardec?**, disponível em nosso site.

que alguns estão mais próximos da vida animal do que se poderia pensar. Quando dizemos próximos, não queremos dizer que haja uma transformação direta e imediata; o caráter primitivo pode passar para um grande número de encarnações, tal líquido perde seu primeiro sabor somente após várias destilações. Aqueles que estão mais distantes dela são aqueles em quem nenhum traço dos instintos de bestialidade permanece.

Tudo, portanto, concorre para provar que **a transformação da alma animal em alma humana não ocorre por uma única espécie, mas por todas aquelas que se aproximam do homem pela perfeição do organismo, pelo desenvolvimento intelectual, pela semelhança das inclinações e, sobretudo, por aqueles em que o livre-arbítrio começa a se libertar** do jugo do instinto puramente mecânico; **são eles que podem ser considerados como as espécies de transição**. Eles são necessariamente encontrados na classe dos vertebrados, ainda mais na classe dos mamíferos e, neste último, entre as espécies domésticas ou aquelas com maior probabilidade de

serem domesticados. **Na coabitação com o homem, as almas animais se desenvolvem, são moldadas pela sociabilidade**; trazem consigo instintos mais suaves; estão imbuídos, por assim dizer, de um reflexo humano, e farão com que os homens tenham um caráter mais manejável e mais adequados à civilização. As espécies ferozes serão o estoque das raças selvagens, cruéis e mais resistentes ao progresso. Nem todos, portanto, precisam passar pelo canal da selvageria bárbara; se um cão gentil, amoroso e devotado se tornasse um selvagem feroz, ele se degeneraria. Com sua inteligência e sentimentos, tudo o que ele precisa fazer é pegar uma concha humana para tornar um homem melhor do que muitos outros. Se não houvesse homens com os instintos do tigre, da raposa, do gato, do porco, do macaco e do estorninho, não haveria dificuldade em dizer que todos vêm do cão, mas sim da diversidade radical em suas qualidades nativas, é o indicador óbvio de diversidade na linhagem.

Em suma, **a alma animal entra na humanidade por várias portas**, umas inferiores,

outras superiores, mas todas, um dia, chegam ao mesmo nível.

(Continua.)

ALLAN KARDEC.

Infelizmente o restante dos capítulos que continuam esse ensaio não foram encontrados, é possível que não tenham sido publicados na *Revue Spirite*.

Na sequência, apresentaremos o texto em francês, conforme a publicação original.

TEXTO EM FRANCÊS

ESSAI SUR L'AVENIR DES ANIMAUX

Par ALLAN KARDEC

(OEuvre posthume)

Dans les considérations préliminaires de son beau livre *Excelsior*, que nous présentions tout récemment aux lecteurs de la *Revue*, Mme Sophie Rosen-Dufaure fait les excellentes et très justes réflexions suivantes à propos de l'œuvre d'Allan Kardec:

«Démontrer expérimentalement la survivance de l'âme était déjà un événement immense; il fallait laisser aux adeptes le temps de respirer avant de leur révéler tous les arcanes de la philosophie qui en découle. Allan Kardec n'osa parler de certaines choses, jugeant que le moment n'en était pas encore

venu. Aussi laissa-t-il dans la pénombre l'avènement de l'animalité au règne hominal bien que tout en caressant un bel angora, très intelligent, qui était monté sur ses genoux, il dit à sa femme et à Mme Fropo leur amie qui m'ont raconté le fait: 'Minet est un candidat à l'Humanité.' Allan Kardec connaissait donc la filiation ascensionnelle des êtres?... On n'en parlait guère alors, et pour cause...»

Certes oui, Allan Kardec connaissait la question et ce n'est pas à un esprit aussi lucide, aussi logique que le sien que son intérêt pouvait échapper. Si, dans ses livres fondamentaux, il ne l'a pas abordée de front, elle ne laissait pas que de le préoccuper très vivement, ainsi que nous permet de le constater la lecture de manuscrits, documents et notes, que notre directeur a bien voulu nous confier.

Dès 1865, le Maître s'occupait d'amasser des matériaux pour un ouvrage auquel il avait d'abord donné simplement le titre de *Livre des animaux*.

L'ouvrage devait avoir huit chapitres: I. Avenir des animaux. – II. Transition de l'animalité à l'humanité. III. Souffrance des animaux. – IV.

Destruction des animaux. – V. Phases progressives de l'humanié. – VI. Perfectibilité de la race nègre. – VII. Phrénologie spiritualiste. – VIII. Exemples de la sagacité et du sentiment chez les animaux.

Dans un article sur *l'Hallucination chez les animaux dans les symptômes de la rage*, publié dans la *Revue Spirite* de septembre 1865, Allan Kardec faisait presque pressentir l'étude à laquelle il se livrait, dans les lignes suivantes: «Un autre motif avait fait ajourner la solution relative aux animaux. Cette question touche à des préjugés longtemps enracinés et qu'il eût été imprudent de heurter de front, c'est pourquoi les Esprits ne l'ont pas fait. La question est engagée aujourd'hui; elle s'agite sur différents points, même en dehors du spiritisme; les désincarnés y prennent part chacun selon ses idées personnelles; ces théories diverses sont discutées, examinées; une multitude de faits, comme par exemple celui qui fait le sujet de cet article et qui eussent jadis passé inaperçus, appellent aujourd'hui l'attention, en raison même des études préliminaires que l'on a faites; sans adopter telle ou telle opinion, on se familiarise avec l'idée d'un point de contact

entre l'animalité et l'humanité, et lorsque viendra la solution définitive, dans quelque sens qu'elle ail lieu, elle devra s'appuyer sur des arguments péremptoires qui ne laisseront aucune place au doute; si l'idée est vraie, elle aura été pressentie; si elle est fausse, c'est qu'on aura trouvé quelque chose de plus logique à mettre sa place... »

D'après ce qu'il a écrit lui-même, le fondateur de la doctrine spirite se proposait, pour sa nouvelle étude, de passer en revue les faits connus de l'intelligence des animaux avec ceux exposés dans les ouvrages de Frédéric Cuvier sur l'intelligence et l'instinct des animaux ainsi que dans *L'esprit des bêtes* de Toussenel. Puis il établissait son système et prenait finalement les instructions des Esprits.

Nous publierons ici les trois premiers chapitres qui sont complets et nous extrairons des documents qui suivent et qui sont soigneusement classés tout ce qui nous paraîtra le plus intéressant sur le sujet en question.

ALGOL.

AVENIR DES ANIMAUX

La question des rapports entre les animaux et l'homme est à la fois scientifique, morale et religieuse; elle est d'une importance capitale au point de vue philosophique, et grosse de résultats, et si elle n'a pas encore été résolue, c'est que l'état des connaissances n'avait pas permis, jusqu'à ce jour, de la considérer sous toutes ses faces. Comme toutes les grandes lois de la nature, elle a été entrevue et soupçonnée par quelques esprits d'élite, mais sa solution incomplète était restée à l'état d'opinion individuelle, de systèmes regardés comme plus utopiques que réels. Il est d'ailleurs de l'essence de toutes les grandes vérités de n'être acceptées et popularisées que lorsque l'esprit des masses est mûr pour les comprendre; venues prématurément elles sont repoussées et avortent. Chaque chose doit venir en son temps, et la Providence, toujours sage dans ses œuvres, répand la semence intellectuelle à mesure qu'elle peut fructifier.

Le temps opportun pour l'éclosion d'une idée nouvelle se manifeste généralement par une

certaine effervescence dans les esprits; on sent l'insuffisance de ce qui existe et le vide produit par l'absence de quelque chose de mieux; l'idée nouvelle devient alors l'objet des préoccupations et semble surgir de toutes parts. C'est un indice certain de la maturité des esprits pour l'accepter; cette sorte de rumeur mentale est le symptôme de la prochaine éclosion.

La question des animaux est dans ce cas; un intérêt particulier se porte aujourd'hui sur ces auxiliaires passifs, sur ces victimes de leur dévouement et l'on se demande d'où ils viennent, où ils vont, et quelle compensation la justice de Dieu réserve à leurs souffrances. Ces simples questions nous conduisent fort loin, parce que, de proche en proche, elles en soulèvent d'autres qui, semblables au filon d'une mine dont on poursuit la recherche, nous fait pénétrer jusqu'aux entrailles de la terre. Est-ce une raison pour les abandonner? Non, certes; la vérité n'effraie que ceux qui ont intérêt à la cacher, mais il arrive un moment où il faut s'habituer à la regarder face à face. Que ceux donc qui ont peur du gouffre qui est au bout de la route se

bouchent les yeux et s'arrêtent au bord, mais qu'ils n'empêchent pas d'y descendre ceux qui ne le craignent pas; si personne n'y pénétrait, on ne saurait pas ce qu'il renferme. Si on n'allait pas au fond des eaux, on ne trouverait pas les perles.

Est-ce donc la vérité absolue qui va sortir de là? Bien présomptueux serait celui qui prétendrait posséder la vérité absolue, dans un temps surtout où chaque jour apporte son contingent au progrès. Si c'est une erreur, elle tombera; si c'est la vérité, elle survivra. Ce ne peut-être qu'une ébauche de la vérité; ce sera dans tous les cas, un sujet de méditations pour les gens sérieux, une porte ouverte à de nouvelles explorations.

II

Il y a incontestablement dans les animaux comme dans l'homme, un élément matériel qui est le corps, et un élément spirituel qui est le principe intelligent, quel que soit le nom qu'on lui donne. Ces deux éléments constituent l'être et sont solidaires l'un de l'autre; que l'un des deux soit supprimé, l'être terrestre vivant n'existe plus. Or la science

n'ayant jusqu'ici considéré que l'élément matériel, ne pouvait arriver qu'à une solution incomplète; elle se heurtait à des difficultés insurmontables faute de la clef qui pouvait seule les lever. Le matérialisme, qui non seulement fait abstraction de l'élément spirituel, mais qui le nie, est nécessairement encore plus éloigné de la solution; il ressemble à un mécanicien qui ferait la description d'un mécanisme, sans tenir compte de la force motrice qui le fait agir.

D'un autre côté les préjugés humains, et surtout l'absolutisme et l'immuabilité des croyances religieuses, mettaient un point d'arrêt aux investigations radicales en ce qui concerne l'élément spirituel. Mais il arrive un moment où le besoin de savoir la vérité l'emporte sur toute autre considération et quelque dure qu'elle paraisse au premier abord, quelque perturbation qu'elle apporte dans nos goûts, dans nos habitudes et dans les idées que notre amour-propre a caressées il faut bien l'accepter quand elle se montre au grand jour, sauf à convenir qu'on s'est trompé. Peu à peu on s'y habitue et l'on finit par reconnaître que le vrai satisfait encore mieux la raison que le faux; on s'en

arrange tellement qu'on ne peut plus s'en passer.

Ainsi en a-t-il été de la doctrine de la pluralité des existences qui, dès l'abord, a effarouché quelques consciences timorées, ou froissé certains pré-jugés, et qui est considérée aujourd'hui comme la chose la plus rationnelle, la plus juste et la plus consolante, parce qu'elle comble le vide immense que laissent dans l'âme la plupart des croyances. Ainsi en sera-t-il de la question des animaux; nous ne nous dissimulons pas les préventions qu'elle rencontrera, l'opposition qu'elle soulèvera, mais nous savons aussi qu'elle trouvera un nombre immense d'esprits tout prêts à l'accepter, parce qu'ils en avaient déjà pressenti la solution. Nous ne l'abordons que parce que nous savons le terrain préparé; à l'avenir est réservé de la confirmer, de la contredire ou de la compléter.

(A suivre.)

ALLAN KARDEC.

KARDEC, Allan. ***Essai Sur L'Avenir Des Animaux***, in. *Revue Spirite*, 54 Année, n° 4. 1^{er} avril 1911, Paris, p. 193-197.

<https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-avril-1911/1829/3430281/1>

ESSAI SUR L'AVENIR DES ANIMAUX

Par ALLAN KARDEC

(OEuvre posthume) (Suite) (3)

III

Tout se lie dans la nature, comme nous l'avons fait remarquer à propos de la théorie des fluidos. Jadis on considérait les trois règnes comme entièrement indépendants l'un de l'autre et l'on eût ri de celui qui aurait prétendu trouver une corrélation entre le minéral et le végétal, entre le végétal et l'animal. Une observation attentive a fait disparaître la solution de continuité, et prouvé que tous les corps forment une chaîne non interrompue, de telle sorte que les trois règnes ne subsistent en réalité que pour les caractères généraux les plus tranchés; mais sur leurs limites respectives ils se confondent au point que l'on hésite à savoir où l'un finit et où l'autre commence, et dans lequel certains êtres doivent être rangés.

3 Voir le numéro d'avril.

La similitude est encore plus frappante lorsqu'on entre dans les détails de l'organisme. En suivant les anneaux de la chaîne des êtres depuis le plus infime jusqu'au plus élevé, on reconnaît un type primitif qui ne varie que par le plus ou le moins de perfection et de développement de la forme. Les fonctions sont les mêmes chez tous; les plantes, comme les animaux naissent, croissent et se reproduisent; tous vivent, respirent, se nourrissent et meurent de maladie ou de vieillesse; en tous on retrouve des organes similaires affectés aux mêmes fonctions, soit à l'état parfait, soit à l'état rudimentaire, appropriés, quant à la forme, la force et l'étendue au milieu où l'être est appelé à vivre, et à la nature de ses aliments.

Si un organe fait défaut en apparence, il est suppléé par un organe correspondant destiné aux mêmes fonctions; c'est ainsi, par exemple, que chez l'oiseau qui doit voler plus que marcher, les ailes remplacent les membres antérieurs; que chez le poisson qui ne doit ni marcher ni voler, les nageoires remplacent, pour la locomotion, les pattes et les ailes; que l'allaitement des mammifères est

remplacé, chez les ovipares, par les substances contenues dans l'œuf et qui servent à la nourriture du petit jusqu'à son éclosion. Dans le végétal, la graine est l'analogue de l'œuf et le suc laiteux de l'amande en fait l'office pour la nourriture de l'embryon; les feuilles sont les organes respiratoires ou, si l'on veut, les poumons de la plante; la reproduction s'opère par des procédés identiques à ceux des animaux.

Mais c'est surtout à partir des vertébrés que l'organisme des fonctions vitales, plus confus dans les espèces inférieures, se dessine mieux, et acquiert des formes plus accentuées.

L'homme ne fait point exception à cette règle d'unité. Son organisme est tellement identique à celui des animaux les plus rapprochés de lui, que les études anatomiques et physiologiques se font souvent sur le corps de ces mêmes animaux. C'est donc avec une parfaite raison que l'homme, au point de vue corporel, a été rangé dans le règne animal. Il y a même entre lui et certains animaux, sous le rapport des formes extérieures et des habitudes, un tel rapprochement qu'on désigne ceux-ci sous le nom

d'hommes des bois, et qu'ils semblent être le trait d'union entre l'animalité et l'humanité corporelle. Ainsi, au physique, il est rigoureusement vrai que du végétal à l'homme il n'y a pas de solution de continuité. C'est aujourd'hui un point hors de discussion. En est-il de même sous le rapport intellectuel et moral? C'est ce que nous allons examiner.

Longtemps on a regardé les animaux comme des êtres purement instinctifs, comme des machines animées. On revient aujourd'hui de cette prévention, et il y a une tendance manifeste à les réhabiliter dans l'opinion. On a pu, en effet, constater chez quelques-uns des actes spontanés, combinés et réfléchis, accomplis en vue de circonstances fortuites. L'instinct pur et simple pousse à des actes irréfléchis constamment uniformes ; mais lorsque l'acte est provoqué par une cause inattendue, calculé, modifié en vue d'un résultat déterminé; lorsqu'il y a entente entre deux êtres pour se prêter un mutuel appui, c'est plus que de l'instinct. L'instinct domine sans doute chez l'animal, mais en certains cas il se lie évidemment à une intelligence

au moins rudimentaire.

L'instinct est la force irrésistible qui porte à faire une chose sans dessein prémédité; telle est celle qui pousse l'enfant qui vient de naître à rechercher le sein de la mère; il est surtout donné aux êtres vivants en vue de leur conservation; l'acte intelligent est réglé par la volonté. L'instinct est une prévoyance de la nature qui supplée, par ce moyen, au défaut d'intelligence chez les êtres inférieurs ; aussi est-ce chez ces derniers que l'instinct domine; à mesure que l'intelligence augmente, l'instinct diminue.

Sans établir encore de parallèle entre l'intelligence de l'homme et celle de l'animal, pour plus de facilité, appelons provisoirement *âme* le principe intelligent de ce dernier; nous verrons plus tard si on doit la considérer comme distincte.

De l'huître au chien la distance est grande sous le rapport de l'intelligence; mais entre ces deux points extrêmes que d'espèces et d'échelons intermédiaires, où l'intelligence se montre graduellement plus développée! Il y a donc, dans

l'animalité, une échelle intellectuelle progressive; et il est à remarquer que le développement de l'intelligence suit le développement organique.

Ici se présente une grave question. Chaque espèce animale a-t-elle son caractère individuel permanent, ce qui impliquerait pour chacune une dose déterminée et invariable d'intelligence; ou bien, selon l'opinion de quelques-uns, chaque espèce se transforme-t-elle en l'espèce immédiatement supérieure, et ainsi, de proche en proche du dernier degré au premier, ce qui impliquerait une marche progressive ascendante? Ces deux hypothèses ont leur source dans la confusion que l'on établit entre le principe matériel et le principe intelligent, ce dernier n'étant point considéré comme indépendant de la matière.

Corporellement parlant, chaque espèce est soumise à des lois organiques qui font qu'elle reste toujours la même; l'huître est aussi parfaite dans son genre que l'oiseau dans le sien. Ce serait une erreur aussi grave de croire que l'huître devient poisson, le poisson oiseau, que d'admettre que la ronce devient poirier, ou que le singe devient homme; non, certes;

l'huître sera toujours huître et le poisson toujours poisson, comme la ronce sera toujours ronce, et le singe toujours singe. Mais le principe intelligent rudimentaire qui anime l'huître, après s'être suffisamment élaboré dans cet animal, pendant plusieurs siècles peut-être, ne peut-il animer le poisson, puis l'insecte, puis l'oiseau, puis le mammifère? Il ne fait que changer de demeure à mesure qu'il avance, revêtir une enveloppe corporelle pourvue des organes appropriés à ses nouveaux besoins, à ses nouvelles facultés, au nouveau travail qu'il doit accomplir. L'âme d'une huître peut donc à la longue devenir l'âme d'un chien, comme l'âme d'un sauvage peut devenir celle d'un européen civilisé; mais l'âme d'un homme civilisé ne peut redevenir celle d'un sauvage, ni l'âme d'un chien redevenir celle d'une huître, parce que l'esprit ne rétrograde pas.

Si l'on admet, pour l'animal, comme quelques-uns prétendent qu'il en est pour l'homme, que tout commence et finit avec la vie, on se trouve en face d'une foule de problèmes sans solution. Si l'on admet, au contraire, l'indépendance du principe

intelligent, avec une succession d'existences progressives, toute difficulté disparaît. L'âme animale progresse-t-elle? Là est la question. L'abeille, dit-on, construit sa ruche, l'oiseau son nid, l'araignée sa toile, aujourd'hui comme jadis, d'où l'on a conclu la négation du progrès; mais cela ne prouve rien, car le sauvage, tant qu'il est sauvage, construit aussi sa hutte de la même manière, ce qui ne l'empêchera pas de construire plus tard un palais quand il sera civilisé. La justice à l'égard des animaux, comme à l'égard des hommes, ne peut s'établir que par le progrès; sans progrès, l'être ne trouve aucune compensation à ses souffrances; or, le progrès ne peut s'accomplir que dans des existences successives. L'abeille n'est donc stationnaire que tant qu'elle est abeille. Il faut croire que cette uniformité dans son travail est nécessaire à l'élaboration de son principe intelligent, jusqu'à ce qu'elle soit apte à devenir autre chose.

Cette pérégrination de l'âme animale à travers les différentes espèces de l'animalité est absolument semblable à celle de l'âme humaine à travers les différentes races de l'humanité. Il faut donc que

l'âme, soit animale, soit humaine, gravisse les divers échelons de son espèce; à chaque degré elle acquiert ce qui lui est nécessaire pour le degré suivant. Elle ne pourrait les franchir d'un bond, parce qu'elle n'aurait pas les capacités suffisantes, et serait déplacée dans un milieu qui ne serait pas le sien. Que l'âme d'un sauvage, par exemple, s'incarne sans transition dans le corps d'un Européen à l'organisation cérébrale la plus complète, elle n'aura de l'Européen que la forme, mais n'en sera ni moins brute, ni moins féroce. Par la même raison, que l'âme d'une huître anime directement le corps d'un chien, on aura un chien aussi stupide qu'une huître ou, si l'on veut, une huître sous la forme d'un chien.

Tout Vient donc appuyer l'opinion fondée sur la souveraine justice que l'âme animale progresse dans l'animalité, sans cela il faudrait admettre que Dieu en a fail de toutes les catégories, et que toute compensation leur est refusée.

(A suivre.)

ALLAN KARDEC.

KARDEC, Allan. ***Essai Sur L'Avenir Des Animaux***, in. *Revue Spirite*, 54 Année, n° 6. 1^{er} Juin 1911, Paris, p. 321-325.

<https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-juin-1911/1829/3430277/1>

ESSAI SUR L'AVENIR DES ANIMAUX

Par ALLAN KARDEC

(OEuvre posthume) (Suite) (4)

Mais ici se présente la grande question de l'avenir des animaux. S'ils progressent, où s'arrête leur progrès? Si nos espèces domestiques les plus intelligentes leur servent de limite, que deviennent-ils ensuite? Comme ces espèces sont celles qui souffrent le plus par leur contact avec l'homme, ce serait donc au moment où elles atteignent le but que leur sort serait le plus pénible? Dieu ne peut avoir fait une chose aussi injuste; or, l'infinie justice de Dieu doit toujours être notre point de repère quand nous voulons chercher l'explication de ce que nous ne comprenons pas; considérons toujours comme la plus probable l'explication qui se rapproche le plus de cette justice, et rejetons sans hésiter celles qui en sont la négation.

L'âme des animaux les plus avancés de la

4 Voir les numéros d'avril et juin.

terre, ne peut-elle poursuivre son progrès dans d'autres mondes, ou elle animerait des races animales plus avancées que les nôtres ? Cela semble rationnel au premier abord, mais une difficulté se présente. Le chien est incontestablement l'animal qui, sur la terre, se rapproche le plus de l'homme par l'intelligence, et on peut le dire, par les sentiments. Or, la moindre addition à ses facultés en fait un être égal, et même à d'hommes par les qualités intellectuelles et morales. Si les animaux poursuivent leur progrès parallèlement à l'homme dans les mondes plus avancés, il en résulte qu'il y a des hommes distancés par les animaux dans la voie du progrès, et qui sont moins méritants, que devient alors la suprématie de l'homme ? Puis, ces mêmes animaux continuant leur marche ascendante de monde en monde, où arrivent ils ? Quel est leur sort définitif ? S'ils sont d'une nature inférieure à l'homme, ils ne peuvent avoir les mêmes prérogatives et la même destinée. Pourquoi Dieu aurait-il créé deux catégories d'êtres intelligents ? On trouve irrationnelle la doctrine qui lui attribue la création des anges comme êtres privilégiés, tandis qu'on trouve plus conforme à la justice que les anges

soient les âmes humaines arrivées à la perfection; l'homme trouverait-il plus équitable que le privilège fût en sa faveur par rapport aux animaux qui eux aussi travaillent et souffrent?

Nous ne parlerons que pour mémoire d'un système qui donne pour destinée à l'âme des animaux de former l'enveloppe périspiritale de l'âme humaine. Là, dit-on, serait la source des instincts animaux et des passions, et dès qu'elles se seraient épurées mutuellement elles jouiraient ensemble de la félicité future. Le périsprit serait, de cette façon, un être intelligent servant d'enveloppe à un être intelligent. Pourquoi ne pas en faire un être distinct? cela serait plus simple. Deux êtres intelligents ainsi liés, ayant chacun leur volonté, pourraient bien ne pas être toujours d'accord. C'est bien ce qui a lieu, dit-on, dans la lutte entre les bons et les mauvais instincts. Mais si telle est la source des passions perverses, elles ne sont plus inhérentes à l'esprit qui ne saurait être responsable de ce qui ne lui appartient pas. Un habit de mauvaise qualité peut couvrir un excellent homme. Puis, ne serait-ce pas pour tous deux une gêne cruelle d'être rivés l'un à

l'autre pour l'éternité? On concevrait que deux esprits très sympathiques trouvassent du bonheur à être réunis de manière à ne faire pour ainsi dire qu'un seul être, mais il ne saurait en être de même entre un esprit humain et un esprit animal.

L'auteur de cette solution oublie que le périsprit est un fluide matériel, simple agent de transmission des sensations, mais n'ayant par lui-même ni volontés, ni perceptions; que cette enveloppe varie avec le degré d'épuration de l'esprit et le milieu où il se trouve. Si l'âme animale est réduite à l'état de fluide inerte et inconscient, c'est l'anéantissement, la perte de son individualité intelligente, et autant vaudrait dire qu'elle rentre dans le tout universel.

Ce système peut être rangé dans la catégorie des opinions personnelles; nous doutons qu'il trouve beaucoup de sympathie parmi les incarnés et qu'il ait la sanction de la majorité des Esprits par le contrôle universel.

De tous les systèmes concernant l'avenir des animaux, un seul jusqu'à présent est d'accord avec

les faits, et résout toutes les difficultés de la question d'une manière conforme à la justice de Dieu; c'est celui qui fait de l'âme animale l'embryon de l'âme humaine, et c'est aussi celui qui tend à prévaloir soit dans l'opinion générale, soit dans l'enseignement des Esprits. Selon ce système, l'âme a son origine dans le principe de vie des premiers êtres organiques; elle l'élabore ensuite en passant par les divers degrés de l'animalité, jusqu'au moment où elle est apte à recevoir l'étincelle divine qui l'élève à la dignité d'âme humaine.

Cette nouvelle phase se distingue de la précédente par les caractères suivants: la parole articulée, la substitution de l'intelligence à l'instinct, le libre arbitre, le progrès volontaire et facultatif, l'intuition de la divinité et de la vie future, le sens moral, la conscience du bien et du mal.

Arrivée à ce point, l'âme quitte le corps animal, insuffisant désormais pour les nouvelles facultés, et revêt une enveloppe appropriée au travail exclusivement intelligent et libre qu'elle doit accomplir. C'est la pensée libre qui va maintenant dominer; l'instinct, pareil aux langes conducteurs de

l'enfance, devenant de moins en moins utile, va s'affaiblir peu à peu. Le corps n'a plus besoin d'être pourvu des instruments affectés au travail purement mécanique, ni des armes offensives et défensives dont est muni celui des animaux; l'intelligence, secondée par l'adresse manuelle doit pourvoir à tout; l'homme fabriquera lui-même son outillage et ses moyens de défense; il pourvoira lui-même à sa sûreté, à son vêtement et à sa nourriture; son cerveau, plus complet que celui des animaux, est pourvu de tous les organes nécessaires à l'exercice des diverses facultés dont il est doué, et l'émission des nouvelles idées qu'il va acquérir.

L'âme va donc gravir les échelons de *l'humanité*, depuis la sauvagerie jusqu'à la civilisation, comme elle avait gravi ceux de l'animalité. Dans cette période, comme dans la précédente, elle est assujettie à un corps matériel nécessaire aussi longtemps que le travail matériel est utile au développement de ses facultés. Mais petit à petit ses forces s'accroissent; elle s'affranchit des liens de la matière, et il arrive un temps où, complètement dégagée et forte par *elle-même*, elle

n'a plus besoin de l'incarnation. Elle quitte alors *l'humanité corporelle* pour entrer dans la période de *l'humanité spirituelle*. Mais là n'est point encore la perfection, car il est des progrès que l'homme, dans sa sphère d'activité bornée, ne soupçonne pas plus que le sauvage ne soupçonne ceux de la civilisation. L'âme va donc parcourir une nouvelle série d'échelons progressifs, jusqu'à ce qu'elle ait atteint le point suprême auquel peut prétendre la créature.

De cette manière tout a un but; aucun être ne s'arrête dans une impasse, tout travail porte ses fruits. **La fin de l'âme végétale est dans l'animalité; celle de l'animalité dans l'humanité corporelle**, et celle de l'humanité corporelle dans l'humanité spirituelle. **Ainsi se trouve établie une chaîne non interrompue entre tous les êtres, du plus infime jusqu'à l'ange**, sans privilège pour aucun, selon la grande loi d'unité et de justice qui préside à toutes les œuvres de la création.

A celui qui demanderait comment on peut reconnaître l'homme intelligent dans l'animal aux instincts brutaux, et s'il n'y a pas un abîme entre eux, nous demanderons si dans l'informe fœtus on

reconnaît l'homme fort et vigoureux, ou le génie qui révolutionnera le monde? Si dans un pépin on reconnaît l'arbre immense qui en sortira? L'abîme n'existe qu'entre les points extrêmes, mais si on observe la succession des intermédiaires, il disparaît. Philosophiquement, moralement et équitablement, il n'est pas plus irrationnel de voir dans l'âme animale l'embryon de l'âme humaine, que de voir dans celle-ci un ange futur. Nous acceptons volontiers cette dernière idée, parce qu'elle nous flatte ; nous repoussons l'autre, parce qu'elle nous humilie. Nous ressemblons à ces enrichis qui ne veulent pas se souvenir qu'ils ont été pauvres. Or, de l'ange à l'homme le plus avancé, il y a plus de distance qu'entre certains hommes et certains animaux; nous disons plus: entre l'homme civilisé et le sauvage, la distance est plus grande qu'entre le sauvage et le singe.

On ne manquera sans doute pas de combattre cette théorie au nom de la religion; elle aura cela de commun avec les doctrines astronomiques, géologiques et tant d'autres que la religion a tout d'abord repoussées comme des hérésies, et qui n'en

sont pas moins demeurées des vérités aujourd'hui reconnues et acceptées par tout le monde. Cela tient à ce que l'origine de la plupart des religions remonte aux temps où les hommes n'avaient que des idées très imparfaites sur les lois de la nature; elles se sont basées sur les éléments scientifiques que l'on possédait alors; leurs fondateurs, généralement plus zélés qu'instruits, ont formulé en articles de foi des principes dont les découvertes ultérieures de la science ont plus tard démontré l'erreur. Une religion qui se formerait de nos jours ne pourrait admettre que le soleil tourne autour de la terre, ni que celle-ci a été créée en six fois vingt-quatre heures.

Leur tort a été de présenter certains principes comme tellement immuables qu'on n'y pouvait déroger sans hérésie; puis, sur ces principes, d'en avoir établi d'autres, tout aussi immuables, et qui tombent avec les premiers, si l'erreur de ceux-ci vient à être démontrée. Plus tard il faut nécessairement opter entre le dogme et une vérité devenue évidente.

Le côté scientifique a toujours été le côté faible des religions: croyant leur existence compromise par

les découvertes qui viennent les contredire, leur premier mouvement est de les repousser; car les démons étant regardés comme les plus grands ennemis de la religion, ces découvertes sont considérées comme des œuvres sataniques, tandis que les dogmes sont l'œuvre de Dieu. Or, comme ces découvertes ont pour objet des lois de la nature, lorsque ces lois sont reconnues pour des vérités, il résulte, de la doctrine même de l'Eglise, que Satan est dans le vrai, et Dieu dans l'erreur.

Transition de l'animalité dans l'humanité

La théorie qui fait remonter l'origine de l'âme humaine aux êtres inférieurs de la création, prend chaque jour plus de consistance dans l'opinion, et elle a incontestablement la majorité dans l'enseignement des Esprits. En partant de ce principe, il n'est pas douteux que les espèces animales les plus avancées, et les races humaines les plus arriérées doivent se trouver sur la limite. Mais où est le point de jonction? Quel est le dernier animal? Quel est celui en qui s'opère la transformation? Ici nous entrons dans un ordre

d'idées si nouveau qu'il ne peut être abordé qu'avec une grande circonspection. De l'observation des faits nous avons déduit des conséquences, mais ces conséquences sont-elles justes? c'est ce qu'il serait téméraire d'affirmer prématurément. La solution que nous donnons doit donc être considérée comme une opinion personnelle que nous livrons à l'examen et à la discussion, à titre de sujet d'étude, et qui, avant d'être affirmée, a besoin de la sanction du contrôle universel. Sur ce point comme sur tous les autres, nous ne nous en rapporterons à l'avis, ni d'un seul homme, ni d'un seul Esprit, ni d'un seul groupe. Si elle est fausse, elle tombera, et nous en ferons sans peine le sacrifice au profit de la vérité; si elle est juste en tout ou en partie, elle aura ouvert la voie à de nouvelles observations, et préparé la solution d'un des problèmes les plus importants.

Quel est donc l'animal de transition?

Si l'on ne tient compte que de la forme extérieure et de certaines habitudes, on dira sans hésiter que c'est le singe. Si, au contraire, on considère l'intelligence et certaines qualités morales, on dira que c'est le chien. Mais si le singe est le

dernier animal, il a dû être chien; or, le chien étant doué de qualités infiniment supérieures à celles du singe, il en résulterait qu'en devenant singe il aurait dégénéré, ce qui serait contraire à la loi de progression. De son côté le singe a des allures et des aptitudes qui le rapprochent de l'homme bien plus que le chien; si donc le chien était l'animal exclusif de transition, il aurait été singe, et l'on ne comprendrait pas qu'après avoir été presque assimilé à l'homme; il s'en éloignât. On s'étonnerait moins de trouver les qualités du chien sous la forme du singe; mais ce qui serait encore une pierre d'achoppement, c'est qu'il y a des hommes qui, moralement parlant, valent incontestablement moins que le chien. L'âme du chien, en passant de l'animalité dans l'humanité perdrait donc une partie de ses qualités, ce qui n'est pas rationnel; illuminée du rayon divin, elle devrait être meilleure et non plus mauvaise.

Une difficulté plus grande encore se présente ici. Si une seule espèce doit clore la série animale, toutes doivent se fondre et se résumer dans cette dernière, toujours au point de vue de l'âme et non

du corps. Or, il y a des animaux de mœurs et d'instincts trop différents, pour admettre qu'ils aient pu passer par la même filière. Il faudrait en effet que le mouton fût devenu tigre, ou le tigre mouton, ce qui n'est guère probable, car leurs instincts sont diamétralement opposés, et l'on ne trouve dans l'un aucun reflet de l'instinct de l'autre. Quel que soit celui qui succéderait, les qualités essentielles de l'âme s'effaceraient donc complètement en passant de l'un à l'autre.

Comme il n'y a pas de transition brusque dans la nature, on comprend que les qualités de l'âme animale se perpétuent pendant quelque temps dans l'âme humaine jusqu'au moment où les qualités propres de celle-ci aient pris le dessus; mais alors, après la transition, l'âme humaine ne devrait conserver les traces de l'instinct que de la dernière espèce animale, du chien si celui-ci est le trait d'union. Si l'âme du tigre s'absorbait dans celle du mouton, il ne resterait plus trace, dans l'humanité, de l'instinct du tigre et *vice versa*. Or, c'est précisément le contraire qui a lieu, puisque si l'on retrouve chez quelques hommes la fidélité et le

dévouement du chien, on voit aussi chez d'autres la férocité du tigre, la malice du singe, la douceur et la passivité du mouton.

Une étude comparative des faits peut seule mettre sur la voie de la solution de ce problème en apparence inextricable. C'est donc par les faits que nous allons essayer de le résoudre.

Quoi qu'il en coûte à notre amour-propre, et quelque dur que soit le sacrifice de certains préjugés, il faut s'habituer à regarder les choses en face sans s'arrêter aux perturbations qui peuvent en résulter dans les croyances que nous avons longtemps caressées. L'homme n'y perd rien, puisque sa destinée n'en est ni plus ni moins glorieuse; son origine est plus modeste, voilà tout: l'essentiel est qu'elle soit logique avant tout, et ne puisse recevoir un démenti des progrès ultérieurs de la science.

Un fait caractéristique, c'est qu'on trouve chez les animaux toutes les variétés de sentiments qui existent dans l'homme. On y retrouve principalement tout ce qui, chez ce dernier, est qualifié de vice ou défaut, et *le germe* de la plupart des qualités qui en

sont la contre-partie. C'est ainsi qu'on voit, chez les uns, le courage et chez d'autres la poltronnerie; puis, selon les espèces, la férocité et la douceur, l'humeur farouche ou la sociabilité, l'indomptabilité et l'appropriation facile, la colère et la mansuétude, la sensualité, la lubricité, la gourmandise, la gloutonnerie, la sobriété; l'instinct de la propreté ou de la malpropreté; la délicatesse ou la dépravation du goût; la ruse, l'astuce et la perfidie; la magnanimité, la générosité, la sensibilité et le dévouement; la reconnaissance et l'ingratitude; l'égoïsme et l'abnégation; la fierté, l'orgueil et la bassesse; la vanité de la parure et de la préséance, l'humiliation de la déchéance; l'activité laborieuse et la paresse; la prévoyance et l'insouciance; l'esprit d'association et de subordination; chez le chien domestique le sentiment du devoir; chez certains oiseaux, le sens musical, etc., etc.

La parole articulée est sans contredit le privilège exclusif de l'homme, mais peut-on nier que les animaux aient un langage? Ceux-mêmes qui n'ont pas de voix, comme les fourmis et les abeilles, s'appellent, s'avertissent et se concertent, sans

doute par des signes.

Ces analogies sont tellement senties, que les animaux ont de tous temps été pris, par les hommes eux-mêmes, comme emblèmes de la plupart des défauts et des qualités, à tel point que souvent en lisant une fable, on se prend à meltre un nom propre à côté de celui de l'animal; que pour stigmatiser un individu on le compare à l'animal auquel ses travers, ses vices ou ses ridicules l'assimilent. On va plus loin encore: on donne certains animaux comme modèles. Si l'homme a tous les défauts que l'on trouve chez les animaux, et s'il n'a pas toutes leurs qualités, il n'a pas tant à se prévaloir de sa supériorité.

En poursuivant l'étude de ces rapprochements, on arrive à découvrir des analogies encore plus frappantes dans le caractère, et même dans certaines aptitudes intellectuelles qui sont comme les rudiments des facultés que l'on voit se développer en l'homme dans les plus vastes proportions, sous l'empire du libre arbitre. Les naturalistes ont fait la *Physiologie comparée*, admirable science qui établit la liaison entre tous les êtres au point de vue de l'organisme; une science

non moins instructive à créer par les moralistes serait celle des *Facultés comparées*; elle comblerait la lacune qui existe dans l'échelle animale.

Quelles conséquences peut-on tirer de ce rapprochement? Si Dieu a fait de l'âme humaine une création distincte, privilégiée, pourquoi lui avoir donné les mêmes instincts et les mêmes passions qu'aux animaux? Si les animaux n'ont pas d'avenir, pourquoi ont-ils en germe les qualités qui font la supériorité de l'homme? En admettant que l'âme humaine soit une création spéciale, on ne peut disconvenir qu'à son début, dans les races primitives surtout, elle diffère fort peu de l'âme animale, et qu'elle ne lui soit même inférieure à certains égards.

Les philosophes ont longtemps cherché, et ils cherchent encore, à s'expliquer la source des passions humaines; ils ont entassé systèmes sur systèmes sans arriver à une solution satisfaisante, d'accord surtout avec la justice de Dieu, point important qui a presque toujours été négligé. La clef du problème nous semble être dans les analogies que nous avons fait remarquer. La comparaison suivante rendra la chose plus sensible.

Un voyageur part de l'embouchure d'un fleuve et en remonte le cours pour en découvrir la source; mais arrêté dans sa route, il n'a pu aller jusqu'au bout. Un autre voyageur parti de la source descend le cours du fleuve pour en découvrir l'embouchure, mais également arrêté, il n'a pu arriver au bout. Les deux extrémités du fleuve étant connues on croit que ce sont deux fleuves différents. Plus tard de nouvelles explorations font trouver le point de jonction. A la similitude des eaux, à l'uniformité de leurs cours, à la configuration du terrain, on reconnaît que ce n'est qu'un seul et même fleuve.

Il en est de même des passions; si on ne les observe que dans l'homme ou que dans les animaux, on ne leur trouve aucune issue; si, au contraire, on les étudie dans tout leur parcours, et surtout à leur point de contact, on remarque une similitude d'effets, qui fait conclure à la similitude de la cause; elles se présentent alors comme un cours d'eau qui a sa source dans l'animalité, et va se *perdre* dans l'humanité. Nous soulignons le mot *perdre*, parce qu'il rend parfaitement l'effet qui se produit, ainsi qu'on le verra plus tard. Si les passions humaines

étaient d'une nature essentiellement différente des passions animales, s'il n'y avait entre elles aucune analogie, si l'on ne trouvait dans l'homme rien de ce qu'il y a chez les animaux et réciproquement, il y aurait séparation évidente; mais dès lors que les deux races se confondent à leur point de contact au moral comme au physique, on en conclut logiquement à une communauté d'origine, et à une transmutation de l'une dans l'autre. Personne assurément ne conteste au nègre la qualité d'homme; et cependant entre le nègre brut et l'Européen civilisé la différence est grande. A quoi reconnaît-on que le nègre appartient à l'humanité? Aux traces qu'on retrouve en lui, à l'état de germe, des facultés et des qualités morales qui existent à l'état de développement chez l'homme civilisé. Il en est de l'animalité et de l'humanité, comme des règnes: les caractères les plus tranchés sont aux extrémités opposées, mais sur les limites qui se touchent, les nuances mêmes s'effacent.

Les analogies que nous avons signalées sont des faits positifs, d'où l'on peut rationnellement tirer cette conclusion que les passions chez l'homme ont

leur source dans l'animalité, et que l'âme animale en passant dans l'humanité emporte avec elle les caractères distinctifs de l'espèce à laquelle elle a appartenu en dernier lieu. L'âme humaine conserve ainsi les traces de son origine jusqu'à ce que le progrès moral les fasse disparaître; de là la similitude morale qui existe entre certains hommes et certains animaux; de cette similitude on peut induire que quelques-uns sont plus rapprochés de l'animalité qu'on ne pourrait le croire. Quand nous disons rapprochés nous n'entendons pas qu'il y ait transformation directe et immédiate; le caractère primitif a pu s'éteindre sur un grand nombre d'incarnations, tel un liquide ne perd sa saveur première qu'après plusieurs distillations. Ceux qui en sont le plus éloignés sont ceux en qui il ne reste plus trace des instincts de la bestialité.

Tout concourt donc à prouver que la transformation de l'âme animale en âme humaine n'a pas lieu par une seule espèce, mais par toutes celles qui se rapprochent de l'homme par la perfection de l'organisme, le développement intellectuel, la similitude des inclinations, et surtout

par celles en qui la volonté libre commence à s'affranchir du joug de l'instinct purement mécanique; ce sont celles-là que l'on peut considérer comme les espèces de transition. Elles se trouvent nécessairement dans la classe des vertébrés, plus encore dans la classe des mammifères, et dans celle-ci parmi les espèces domestiques ou les plus susceptibles de s'appivoiser. Dans la cohabitation avec l'homme les âmes animales se développent, se façonnent à la sociabilité; elles apportent avec elles des instincts plus doux; elles s'imprègnent pour ainsi dire d'un reflet humain, et feront des hommes d'un caractère plus maniable et plus aptes à la civilisation. Les espèces farouches seront la souche des races sauvages, cruelles et plus longtemps réfractaires au progrès. Toutes n'ont donc pas besoin de passer par la filière de la sauvagerie barbare; si un chien doux, aimant et dévoué devenait un sauvage féroce, il dégénérerait. Avec son intelligence et des sentiments, il lui suffit de prendre une enveloppe humaine pour faire un homme meilleur que beaucoup d'autres. S'il n'y avait pas des hommes aux instincts du tigre, du renard, du chat, du porc, du singe et de l'étourneau, il n'y aurait aucune difficulté

à dire que tous proviennent du chien, mais la diversité radicale dans leurs qualités natives, est l'indice évident d'une diversité dans la souche.

En résumé, l'âme animale fait son entrée dans l'humanité par plusieurs portes, les unes plus basses, les autres plus élevées, mais toutes atteignent un jour le même niveau.

(A suivre.)

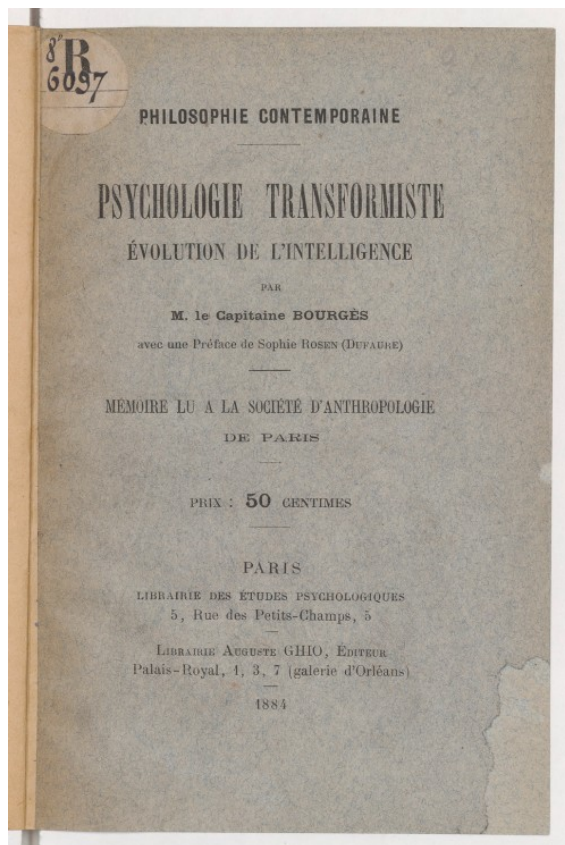
ALLAN KARDEC.

KARDEC, Allan. ***Essai Sur L'Avenir Des Animaux***, in. *Revue Spirite*, 54 Année, nº 8. 1^o Aout 1911, Paris, p. 450-458.

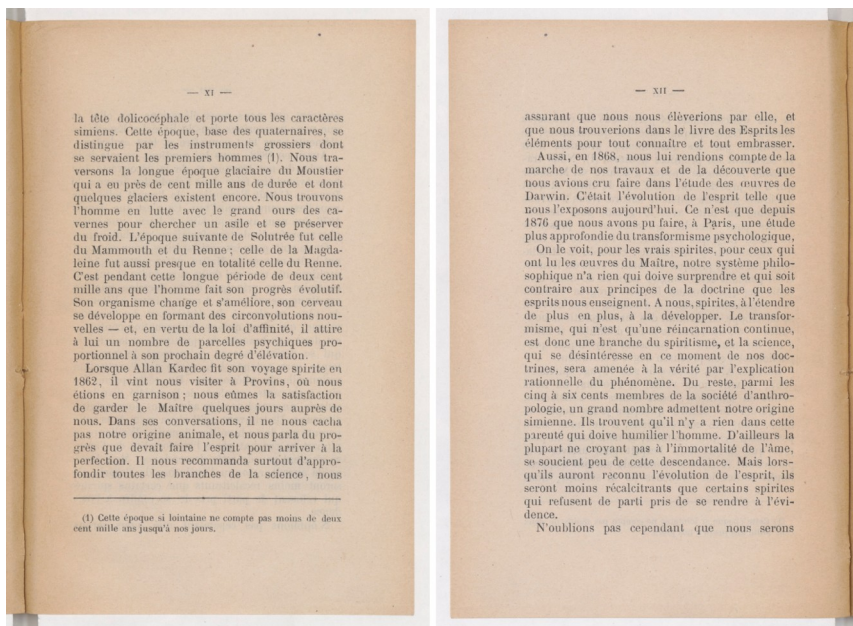
<https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-aout-1911/1829/3430273/2>. Acesso em: 23 ago. 2021.

APÊNDICE: INFORMAÇÃO DE ANDRÉ BOURGÈS

No site [Gallica](#) temos a seguinte obra de autoria de André Bourgès (*):



Destacamos estas duas páginas:



Último parágrafo p. XI, início p. XII:

Lorsque Allan Kardec fit son voyage spirite en 1862, il vint nous visiter à Provins, où nous étions en garnison; nous eûmes la satisfaction de garder le Maître quelques jours auprès de nous. Dans ses conversations, il ne nous cacha pas notre origine animale, et nous parla du progrès que devait faire l'esprit pour arriver à la perfection. Il nous recommanda surtout d'approfondir toutes les branches de la science, nous assurant que nous nous

éléverions para elle, et que nous troverions dans le livre des Esprits les éléments pour tout connaître et tout embasser.

Tradução constante em *Da Bíblia aos Nossos Dias*, autoria de Mário Cavalcanti de Melo (?-?):

Quando **Allan Kardec** fez sua viagem espírita em 1862, veio nos visitar em Provins, onde nos encontrávamos acampados; tivemos a alegria de ter o mestre alguns dias conosco. Em sua palestra ele **não nos escondeu nossa origem animal, e nos falou do progresso que devia fazer o espírito para chegar à perfeição**. Ele nos recomendou, sobretudo, de aprofundar todos os ramos da Ciência, assegurando-nos que nos elevaríamos por ela, e que encontraríamos no Livro dos Espíritos os elementos para tudo conhecer e tudo abraçar. (MELO, M. C. *Da Bíblia aos Nossos Dias*. Curitiba: FEP, 1954, p. 95)

(*) Bourges, André (Capitão). Autor do texto. Filosofia contemporâneo. *Psicologia transformista, evolução da inteligência*, do capitão Bourges, com prefácio de Sophie Rosen (Dufaure), livro de memórias lido na Sociedade de Antropologia de Paris. 1884. (GALLICA)